

---

## **A fome no Brasil, segundo o jornalismo: uma análise das notícias de O Globo<sup>1</sup>**

Ana Laura da Silva CORRÊA<sup>2</sup>  
Gilson Soares RASLAN FILHO<sup>3</sup>

Universidade do Estado de Minas Gerais, Divinópolis, MG

### **Resumo**

O objetivo geral deste trabalho compreende analisar os sentidos sobre a fome construídos na cobertura do portal O Globo entre janeiro de 2017 e abril de 2020. Fundamentamo-nos na teoria proposta por Genro Filho (1987), na análise do discurso e nas chaves de leitura apresentadas por Bonfim (2004). Identificamos que a cobertura com frequência se limita à descrição da situação imediata dos sujeitos que passam fome, sem relacioná-la à conjuntura de um problema estrutural que atinge milhões de brasileiros, o que vai na contramão da teoria proposta por Genro Filho. Muitas vezes, apresenta-se uma solução restrita a atos de solidariedade, de tal modo que o Estado é afastado da questão, em uma perspectiva correspondente à postura editorial de O Globo, que afirma em seus princípios ser um defensor da livre iniciativa.

**Palavras-chave:** jornalismo; discurso; fome; O Globo.

### **Introdução**

Este trabalho é parte de monografia apresentada ao curso de Jornalismo da UEMG e buscou responder à seguinte pergunta: quais são os sentidos sobre a fome construídos pela cobertura jornalística do portal O Globo? A análise se deu sobre reportagens publicadas entre janeiro de 2017 e abril de 2020 – recorte selecionado de forma a contemplar o período compreendido após a divulgação, em julho de 2017, de um relatório, pelo Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para Agenda 2030, sobre o risco de o Brasil voltar ao Mapa da Fome da ONU.

Além disso, 2017 é o primeiro ano de vigência da PEC do teto dos gastos públicos – tais momentos favoreceriam, em tese, o agendamento da fome nos meios de comunicação. Já o período final da análise, em 30 de abril de 2020, foi estabelecido de forma a englobar também as notícias publicadas sobre a fome durante a pandemia de coronavírus – que parece ter, de fato, favorecido o agendamento da fome na mídia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Recém-graduada (abril/2021) em Jornalismo pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade acadêmica de Divinópolis; mestranda em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), e-mail alscorea@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Doutor em em Comunicação e Cultura pela Universidade de São Paulo - USP (2010); Professor dos cursos de Comunicação Social e Jornalismo da UEMG, na unidade Acadêmica de Divinópolis; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa das Poéticas do Cotidiano – EPCO/UEMG. E-mail: gilson.raslan@uemg.br.

---

A observação de uma ausência da temática da fome na agenda midiática – o assunto parece ter tido maior evidência na pauta jornalística apenas devido à pandemia – foi um dos motivos que impulsionaram a realização desta pesquisa. Ressalta-se, também, a falta de referências que investiguem a abordagem da fome pelo jornalismo – entre essas, destacamos a dissertação de Luís Celestino de França Júnior, que estudou a temática a partir dos critérios de noticiabilidade. João Bosco Bezerra Bonfim, por sua vez, analisou os discursos sobre a fome, verificando que “todo discurso que se produziu no Brasil sobre a fome, no espaço público, carregava consigo visões ou ideológicas ou de resistência” (BONFIM, 2004, p. 28), e também forneceu aportes teóricos e metodológicos para esta pesquisa.

### **Fundamentação teórica**

Partimos aqui de uma perspectiva da notícia não como espelho, mas como um elemento que constrói a realidade – e que é, também, construído pelos jornalistas. Um dos embasamentos para essa perspectiva enquanto construção da realidade vem de Berger e Luckmann (1985), os quais afirmam que

a linguagem constrói [...] imensos edifícios de representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana. [...] A linguagem é capaz não somente de construir símbolos altamente abstraídos da experiência diária mas também de "fazer retornar" estes símbolos, apresentando-os como elementos objetivamente reais na vida cotidiana (BERGER; LUCKMANN, p. 61, 1985).

Assim, para os autores, a realidade é construída socialmente e a linguagem é tida como o mais importante sistema de sinais da sociedade humana, pois permite a compreensão da realidade da vida cotidiana e também “é capaz de se tornar o repositório objetivo de vastas acumulações, significados e experiências” (BERGER; LUCKMANN, p. 57, 1985). Desse modo, por meio da linguagem é possível também ir além da realidade cotidiana, à qual diretamente temos acesso, indo até realidades inacessíveis, que não estão no “aqui e agora”.

Destaca-se, da proposta teórica de Berger e Luckmann, a perspectiva dialética apontada por eles – a qual envolve os processos de externalização, objetificação e

---

interiorização –, em que a sociedade aparece como uma produção humana, ao mesmo tempo em que o homem também se constitui como um produto social. Essa concepção dialética de Berger e Luckmann é, segundo Meditsch (2010), a mesma desenvolvida por Genro Filho (1987) em sua teoria do jornalismo.

Relembrando as três categorias propostas por Hegel, Genro Filho aplica as noções de singularidade, particularidade e universalidade para elaborar sua teoria do jornalismo. Segundo o autor, ao contrário da ciência, que atua na universalidade, o jornalismo é uma forma de conhecimento que se desenvolve a partir da singularidade. É por meio dessa singularidade e suas conexões que podem ser desenvolvidas as potencialidades do jornalismo, ao expor as contradições do modo de produção capitalista.

No entanto, essa singularidade geralmente é concebida a partir do ponto de vista do senso comum, como uma regra prática que os jornalistas simplesmente devem seguir sem saber o porquê, de tal forma que “a realidade transforma-se num agregado de fenômenos destituídos de nexos históricos e dialéticos” (GENRO FILHO, 1987, p.172). Assim, ele propõe, então, uma visão filosófica dessa singularidade, que, ao lado das categorias de particularidade e universalidade, em suas relações dialéticas intrínsecas e histórico-sociais, fornecem as bases para a sua teoria do jornalismo.

Essas três categorias também coexistem nos fatos jornalísticos, em que o singular é a matéria-prima do jornalismo e estará associado ao particular e também ao universal. Nesse sentido, o lead se constitui como a expressão mais sintética da singularidade. Daí, então, Genro Filho propõe a reversão da pirâmide, que não se encontra invertida, mas de pé, assentada em sua base. Desse modo, a notícia não caminha do “mais importante” ao “menos importante”, mas do singular ao particular, cuja relação é fundamental para que se estabeleça o universal.

### **Elementos da teoria do discurso**

Berger e Luckmann destacam a função central da linguagem na construção de representações simbólicas. Genro Filho, por sua vez, ressalta que a linguagem assume um papel crucial na definição do tipo de conhecimento construído pelo jornalismo. Assim, partiremos agora para a abordagem teórica referente à Análise do Discurso

---

(AD). Seguiremos a linha francesa da análise do discurso, retomando conceitos-chave da disciplina, por meio dos estudos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi.

A AD relaciona linguagem e ideologia. Assim, a disciplina trabalha com a língua como prática social, fazendo sentido – a ideologia se materializa no discurso, que se materializa por meio do texto. Desse modo, não há linguagem sem ideologia e, portanto, “não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político” (ORLANDI, 1999, p. 9). Assim, a análise do discurso trabalha com a palavra a partir de uma perspectiva do simbólico, da significação com a exterioridade.

O sujeito, na perspectiva da AD, não é tomado simplesmente como indivíduo, mas este é interpelado em sujeito pela ideologia e também pelo inconsciente. Como afirma Pêcheux (1995, p. 214), “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina”, de forma que aquilo que diz é submetido a regras que lhes são externas e anteriores. Assim, o sujeito, como um ser social, não é a origem do seu dizer. Além disso, sua identidade não é fixa, mas está em constante produção e reprodução, porque depende das posições assumidas pelo sujeito no discurso – as quais podem ser diversas, tanto para enunciar quanto para interpretar. Desse modo, refuta-se a possibilidade da existência de uma verdade no discurso, de tal forma que o discurso se apresenta somente como um leque de possíveis significados.

Com a presença desses diferentes sujeitos, o discurso jornalístico é, idealmente, polifônico – ou seja, manifesta diferentes vozes –, ao trazer as vozes do jornalista, da organização e das fontes, por exemplo. Mas o discurso é apenas idealmente polifônico porque, embora seja sempre dialógico – isto é, constituído sempre a partir da interação com outros discursos –, a polifonia depende da existência de diferenças entre as vozes que o constituem. Nesse sentido, é possível constatar, por exemplo, que um texto que traga diferentes fontes não é necessariamente polifônico, mas pode ser monofônico quando todas elas enunciam a partir de uma mesma perspectiva, conforme as posições assumidas pelos sujeitos a partir das determinações culturais, sociais e históricas.

As condições de produção que influenciam a formação dos discursos abarcam, fundamentalmente, os sujeitos e a situação. Em sentido estrito, elas podem ser tomadas

---

simplesmente como o contexto imediato – no qual se descrevem o(s) sujeito(s) participante(s), o local e o contexto temporal, por exemplo. Já quando consideradas em um sentido mais amplo, incluem o contexto de historicidade e ideológico dos sujeitos, os lugares a partir dos quais eles falam, contextos e símbolos presentes, no qual também se apresenta a memória discursiva relativa a eles.

Assim, na concepção discursiva do jornalismo, é preciso compreendê-lo ainda como submetido à história. Segundo Benetti (2006), os sentidos dependem da historicidade tanto do próprio texto quanto do leitor. Então, é necessário considerar os contextos de produção de sentidos de enunciação e de leitura. Isso porque no processo de significação emerge não somente a historicidade do texto, mas também do leitor, que relaciona a leitura a diversas outras, como textos já lidos ou à própria história pessoal.

Compreender o jornalismo a partir da abordagem discursiva representa, portanto, uma concepção sob uma perspectiva que se contrapõe à visão de um jornalismo enquanto “espelho” da realidade, que reproduz fielmente os fatos, uma pretensão que “revela-se frágil e ilusória sempre que problematizada pelo viés da linguagem” (BENETTI, 2006, p. 3).

Os procedimentos de análise da AD, segundo proposta de Orlandi (1999), partem da superfície linguística (que é o texto), para o objeto discursivo, o qual é constituído pelas Formações Discursivas (FDs) e, finalmente, para o processo de identificação das formações ideológicas presentes no discurso. Isso porque “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com o todo complexo dominante” (PÊCHEUX, 1995, p. 162), daí que as FDs se configurem como reveladoras das formações ideológicas que as integram.

## **Metodologia**

A seleção das matérias para análise ocorreu por meio da ferramenta de pesquisa avançada do Google: foram buscadas as reportagens com o termo “fome” no título, publicadas no site “oglobo.globo.com”, entre 01 de janeiro de 2017 e 30 de abril de 2020. Em seguida, foram selecionadas somente aquelas notícias (e excluídos textos de opinião) que abordavam a fome enquanto um problema social (e não como um assunto

---

ligado à gastronomia, por exemplo) e no Brasil – isso porque há textos que abordam a fome no mundo ou em outros países, especificamente.

A análise qualitativa das matérias verificou os sentidos construídos sobre a fome tendo por base a perspectiva da AD de orientação francesa e também as cinco chaves citadas por Bonfim (2004) para uma leitura crítica do discurso sobre a fome. A primeira dessas chaves é a causalidade, ou seja, se a reportagem apresenta algum motivo para aquela situação de fome. Isso porque, de acordo com o autor,

a causa – passageira – da fome é apontada, nos casos dos países que sofrem ou sofreram embargo econômico, que passaram por guerras ou por cercos militares, ou, ainda, por catástrofes naturais. Mas, no Brasil, é quase sempre apresentada como algo que é “dado” pela realidade (BONFIM, 2004, p. 29).

A segunda chave para uma leitura crítica da fome, por sua vez, trata-se da responsabilidade e agência. Ou seja, o texto menciona quem são os responsáveis/agentes causadores da fome? Pois, “se os agentes não são identificados, não há como movê-los, demovê-los, fazê-los agir” (BONFIM, 2004, p. 30). Assim, a determinação de responsabilidades, segundo o autor, é fundamental para a solução do problema.

Quantificação e localização são a terceira chave de leitura definida pelo autor. Trata-se de verificar se o texto enumera quantas pessoas estão famintas e em qual lugar, porque “falar de fome genericamente, no Brasil, no Distrito Federal, em São Paulo, é algo que contribui para mitificar e não para acabar com a fome” (BONFIM, 2004, p. 30). Já a quarta chave de leitura consiste na identificação das soluções apresentadas: são ações que garantem a autonomia dos famintos ou assistencialismo?

Não que não se possa ou não se deva fazê-lo. Se há fome, deve haver uma ação assistencial. Mas, se não são incorporadas, desde o início, ações que levem as pessoas e famílias a saírem da situação de miséria e se tornarem autônomas para gerarem a própria renda, esse discurso tem um sério problema (BONFIM, 2004, p. 31).

Por fim, a quinta chave se refere aos verbos utilizados no texto, pois eles “traduzem o maior ou menor comprometimento e envolvimento da pessoa que fala ou escreve com aquilo que expressa” (BONFIM, 2004, p. 31) – os verbos podem indicar ações, processos, ou podem se limitar a apresentar o estado das coisas. Eles podem,

---

ainda, ser ações, processos e estados materiais, com consequências externas, perceptíveis, ou indicar apenas ações, processos e estados mentais. Essa divisão entre material ou mental indica o comprometimento dos sujeitos com o problema em questão.

## **O Globo**

O Brasil é marcado pela concentração de mídia. Segundo dados do Monitoramento da Propriedade da Mídia<sup>4</sup>, cinco famílias controlam 50% dos principais veículos de mídia do país: família Marinho: Grupo Globo; família Saad: Bandeirantes; Macedo: Record; Sirotsky: Grupo RBS; Frias: Grupo Folha. O Globo, como o próprio nome já mostra, faz parte do maior conglomerado de mídia e comunicação do Brasil e América Latina, o Grupo Globo, composto também pela Rede Globo de TV, Sistema Globo de Rádio, Globosat, Infoglobo, Editora Globo, Globo.com, Som Livre e Zap Imóveis, e também mantenedor da Fundação Roberto Marinho.

Em seus princípios editoriais, O Globo se afirma independente, apartidário, laico e também defensor de “valores sem os quais uma sociedade não pode se desenvolver plenamente: a democracia, as liberdades individuais, a livre iniciativa, os direitos humanos, a república, o avanço da ciência e a preservação da natureza” (O GLOBO, 2011). Além disso, segundo o jornal, três princípios guiam a informação jornalística de qualidade: isenção, correção e agilidade.

## **Análise**

A primeira busca no Google retornou 118 matérias de O Globo que incluíam o termo “fome” no título, publicadas entre 1º de janeiro de 2017 e 30 de abril de 2020. Na sequência, no entanto, foram excluídas as colunas de opinião (14, ao todo), e restaram 104 notícias sobre a fome. Na etapa seguinte, foram selecionados apenas os textos que abordavam a temática da fome enquanto um problema social (e não ligado a greves de fome ou gastronomia, por exemplo) – restaram 67 notícias sobre a fome. Em seguida,

---

<sup>4</sup> Disponível em:  
<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio/>. Acesso em 11 jun. 2020.

---

selecionamos somente as reportagens que abordavam o problema no Brasil. Assim, chegamos a apenas 24 notícias.

Das outras 43 reportagens sobre a fome no mundo, 10 abordam a questão de forma geral em todo o mundo. Das demais – 33 –, 12 são notícias sobre a fome no continente africano, 8 na Ásia e 13 na América – sendo a maioria, 12, relativas à América Latina e apenas 1 sobre a América do Norte, cujo tema era um abrigo para imigrantes no Texas, portanto, ainda indiretamente ligada à América Latina. Verificamos ainda que a cobertura da fome geralmente aparece associada a outras temáticas, principalmente guerras e migrações, mesmo que seja um problema que ocorra desvinculado dessas condições, causado pela desigualdade social.

Vale observar ainda a prevalência da representação do continente africano e da América Latina enquanto lugares de fome. Ao mesmo tempo, verifica-se, também, a completa ausência de reportagens dedicadas à fome na Europa e – desconsiderando-se a reportagem sobre refugiados na fronteira – nos Estados Unidos.

### **Análise quantitativa**

Conforme a pré-seleção, seriam analisadas 24 matérias sobre a fome no Brasil. No entanto, ao acessar esses conteúdos, nas próprias reportagens foram identificados três hiperlinks para outras notícias sobre a fome no Brasil que atendiam aos requisitos da análise e, então, também foram adicionadas à pesquisa, que chegou a um corpus, portanto, de 27 matérias para verificação.

Em uma primeira análise, quantitativa, observou-se, em relação ao gênero jornalístico dos textos, a predominância das notícias (59,3%) em contraposição às reportagens (40,7%). Verificamos, ainda, as classificações das fontes presentes nos textos, segundo a proposta de categorização de Schmitz (2011) – nos 24 textos, foram consultados 7 especialistas (9,1%), 13 fontes oficiais (16,9%), 2 fontes empresariais (2,6%), 21 fontes institucionais (27,3%) e 34 fontes individuais (44,2%).

Em relação à editoria das matérias, 55,6% foram publicadas na “Rio”; 14,8% na seção “Economia”; 7,4% na “Sociedade”; 18,5% na “Brasil”; e 3,7% em “Esportes”. Verificamos ainda quantas matérias sobre a fome foram publicadas em cada ano: foram 12 em 2017; 2 em 2018; 5 em 2019; e 8 em 2020, até abril. Observa-se que 2017 foi o

ano em que a temática da fome esteve mais presente no noticiário – ano em que foi divulgado o relatório de entidades da sociedade civil que alertava sobre o crescimento da fome no Brasil, o que parece ter colaborado para o agendamento do assunto.

Vale também ressaltar a expressiva quantidade de matérias sobre a fome publicadas em 2020 – lembrando que consideradas somente até o dia 30 de abril, de tal forma que, se a análise se estendesse por um período de tempo mais longo, certamente a quantidade de publicações ultrapassaria o número de notícias de 2017. A pandemia de coronavírus favoreceu o agendamento da temática entre as notícias. Mesmo com o crescimento do problema em 2018 e 2019, ele não ganhou tantos holofotes quanto em 2020, o que vai de encontro à mobilização que o aumento da fome no país exigia.

### Análise dos títulos

Após a pesquisa quantitativa, foram analisados, inicialmente, os títulos das 27 matérias selecionadas, que estão reproduzidos no quadro abaixo, em ordem cronológica de publicação.

Quadro 1 - Matérias sobre a fome publicadas por O Globo entre 2017 e 2020

	Título	Data	Editoria
1	Em Manaus, imigrantes venezuelanos sofrem com fome e doenças	14/05/2017	Brasil
2	Fome volta a assombrar famílias brasileiras	09/07/2017	Economia
3	Mãe, tem leite? Como não tenho nada em casa, digo: vai dormir que a fome passa'	09/07/2017	Economia
4	Marcas da fome	10/07/2017	Economia
5	Brasileiros elegem saúde, educação e erradicação da fome e pobreza prioridades, diz estudo da ONU	18/07/2017	Economia
6	Congolese no Rio: Entre a fome, o desemprego e o desejo de partir	20/08/2017	Rio
7	Após dez anos, Rio volta a ter edição da campanha 'Natal sem Fome'	14/10/2017	Rio
8	'Não podemos permitir aumento da pobreza no país', diz presidente da campanha Natal sem fome	15/10/2017	Rio
9	Chuva adia evento de lançamento da campanha 'Natal Sem Fome'	15/10/2017	Rio
10	Campanha 'Natal sem Fome' é lançada com mesa de 1 km no Aterro	22/10/2017	Rio
11	Natal sem Fome exhibe documentário com realidade pessimista	09/12/2017	Rio

12	Ação da Cidadania distribui 130 toneladas de alimentos no 'Natal sem fome'	16/12/2017	Rio
13	Venezuelanos encaram fome, sede e dor na travessia rumo ao Brasil	18/02/2018	Brasil
14	Fome volta a crescer no Brasil e na América Latina e Caribe	07/11/2018	Sociedade
15	'Passar fome no Brasil é uma grande mentira', diz Bolsonaro	19/07/2019	Brasil
16	Parlamentares criticam declaração de Bolsonaro que 'passar fome no Brasil é uma grande mentira'	19/07/2019	Brasil
17	Declaração de Bolsonaro sobre a fome no país é rebatida por dados e especialistas	20/07/2019	Brasil
18	Campanha Natal sem Fome é lançada no Aterro do Flamengo; veja o vídeo	13/10/2019	Rio
19	Campanha Natal Sem Fome distribui 220 toneladas de alimentos no Rio	21/12/2019	Rio
20	Epidemia da Fome: Trabalhadores informais do Rio já sofrem com a falta de renda	02/04/2020	Rio
21	Páscoa sem fome: Personalidades como Nego do Borel e Rene Silva pedem doações	11/04/2020	Rio
22	Filas de quem tem fome: Cresce procura por cesta básica e regularização do CPF	16/04/2020	Rio
23	Contra a fome, Cristo Redentor ganha projeção de campanha neste domingo	10/05/2020	Rio
24	Coronavírus: Fla, Flu e Bota entram em campanha contra fome nas favelas	14/05/2020	Esportes
25	Programa de combate à fome já distribuiu 5,4 mil toneladas de alimentos desde início do isolamento social	16/05/2020	Rio
26	'Há crianças passando fome': Estados e prefeituras deixam sete milhões sem merenda	17/05/2020	Sociedade
27	'Quarentena sem fome': Ação vai alcançar a marca de 20 mil quentinhas distribuídas no Rio	29/05/2020	Rio

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de *O Globo*.

Verifica-se que 12 matérias (7, 9, 10, 11, 12, 18, 19, 21, 23, 24, 25 e 27) são relacionadas a campanhas pontuais de combate à fome, desenvolvidas por ONGs ou associações. Desse modo, a fome aparece como um fenômeno episódico. Os títulos destacam o grande alcance desses movimentos, como a quantidade de alimentos distribuída. Assim, se estabelece uma associação entre esses atores e a responsabilidade pela redução do problema – o que é reforçado até mesmo pelo próprio nome dos eventos, que geralmente incluem a expressão “sem fome”, como se pudessem, realmente, dar fim à fome –, o que também demonstra uma abordagem assistencialista do combate à fome. Observando os títulos, não há a divulgação de iniciativas de

---

combate à fome por parte do poder público. Ao contrário, o Estado parece estar afastado da questão e consta nas manchetes em apenas três momentos (15, 16 e 26).

Em um deles, há um forte apelo emocional no texto (em 26, “Há crianças passando fome: Estados e prefeituras deixam sete milhões sem merenda”), e a fome aparece como um problema causado pelo Estado. A matéria foi publicada durante a pandemia de coronavírus, em um momento no qual prefeitos e governadores adotavam posturas de apoio ao isolamento social, contrárias às indicações do governo federal. Dessa forma, o título pode sugerir uma crítica às ações de estados e prefeituras.

Há três matérias (1, 6 e 13) que se dedicam à abordagem da fome enfrentada por estrangeiros no Brasil, duas delas focadas nos venezuelanos – uma que envolve inclusive um enviado especial ao estado de Roraima –, reforçando a representação negativa do país vizinho, mas também demonstrando que o Brasil não tem uma política de auxílio ou combate à fome para os estrangeiros que buscam melhores condições de vida no país.

### **Análise qualitativa**

A análise qualitativa se desenvolveu sobre nove matérias: as de número 3, 7, 11, 14, 15, 16, 17, 20 e 21 do quadro acima. Destacaremos alguns pontos observados nas análises, retomando as cinco chaves de leitura apresentadas por Bonfim (2004). Em relação à primeira delas, as causas da fome geralmente aparecem nos textos como consequência de contextos individuais – o que foge de uma abordagem que vá além do singular, conforme propõe Genro Filho (1987).

No texto “Mãe, tem leite?”, por exemplo, a fome ocorre porque Rita de Cássia e o marido estão desempregados – ela porque “o rompimento de uma artéria na última gravidez limita as oportunidades de trabalho”; e ele, “com a crise paralisando o setor de construção civil, está sem emprego há dois anos”. O texto não problematiza, por exemplo, que, embora o casal receba R\$ 120 mensais do Bolsa Família, o valor não é suficiente para a alimentação e moradia. A mesma reportagem traz a situação de outra entrevistada, Renata, que “teve de largar o emprego, há cerca de um ano, porque não conseguia mais pagar uma babá para tomar conta das crianças”, mais uma vez reduzindo as causas da fome apenas ao contexto individual.

---

Essas causas restritas aos contextos individuais se relacionam à segunda chave de leitura apresentada por Bonfim: responsabilidade e agência, de tal modo que os responsáveis se tornam, assim, as próprias pessoas que passam fome. Já no texto "Mãe, tem leite?", um entrevistado, que está fazendo a sua única refeição do dia em um restaurante popular, diz: "Eu sou um homem decente, trabalhador. onde está o Estado?", mas a reportagem não traz, em momento algum, qualquer posicionamento do poder público.

Em relação à chave de leitura de quantificação e localização, verificamos que as matérias utilizam termos em substituição à palavra "fome", como "desnutrição", ou "insegurança alimentar" para apresentar os dados estatísticos, sem, no entanto, trazer a definição dessas expressões. Além disso, com frequência, os dados se referem a todo o país ou aparecem por meio da utilização de porcentagem. Conforme Bonfim (2004, p. 30), "falar de fome genericamente, no Brasil, no Distrito Federal, em São Paulo, é algo que contribui para mitificar e não para acabar com a fome" (BONFIM, 2004, p. 30). Há até mesmo, no texto "Após dez anos, Rio volta a ter campanha 'Natal sem Fome'", dados desatualizados sobre a fome – o número é de 2014, e a matéria é de 2017, quando a fome já havia crescido no país.

Sobre as soluções apresentadas para a fome, quarta chave de leitura, identificamos, nas matérias que o combate à fome muitas vezes aparece associado a valores morais, o que pode ser verificado em trechos da matéria "Páscoa sem fome" – "Uma Páscoa sem fome. Esse é o pedido do coelhinho, representado por quem faz da solidariedade uma arma contra a pandemia do novo coronavírus. Se houver em cada lar alimento à mesa terá sido cumprido o sentido da festa que celebra a ressurreição de Cristo e sua mensagem de amor ao próximo" – ou ainda no texto "Mãe, tem leite?" – sobre uma voluntária da ONG Ação da Cidadania, que paga as compras de quem precisa e deixa, assim, de ter o que comer, a reportagem diz: "Não tem dinheiro sobrando para fazer caridade", mas "A solidariedade parece vocação". Desse modo, o combate à fome se reduz a ações de assistencialismo – no texto "Páscoa sem fome", por exemplo, a reportagem afirma que o cantor Nego do Borel, "por ter vivido o dia a dia de quem não desfruta de privilégio algum, [...], sabe que precisa assumir uma posição de protagonismo na batalha contra a fome".

---

Já na matéria "'Passar fome no Brasil é uma grande mentira', diz Bolsonaro", o presidente apresenta algumas soluções, como: "facilitar a vida do empreendedor, de quem quer produzir", "de um hectare de lâmina d'água, é possível retirar de dez a 15 toneladas de peixe tilápia" e ainda diz que "Essas franjas de miséria por si só acabam no Brasil". Jair Bolsonaro ainda critica a concessão de bolsas – e a reportagem não traz contrapontos às falas do presidente, apresentando, por exemplo, as soluções propostas por especialistas.

São esses especialistas, aliás, que em outro texto ("Fome volta a crescer no Brasil e na América Latina e Caribe") apontam outras perspectivas de solução para a fome: "Políticas públicas de combate não só da questão da fome em si, mas de suas causas subjacentes, como a pobreza e a miséria, diz Julio Berdegué, representante da FAO" ou em "É fundamental notar que a fome não é um problema que se erradica de uma vez por todas [...] é necessário manter, consolidar e incrementar o investimento em políticas públicas".

É também o especialista quem cita o Bolsa Família, a agricultura familiar e os restaurantes populares, por exemplo. Apesar da contribuição trazida por ele, relembramos que, no levantamento quantitativo feito por essa pesquisa, as fontes de especialistas representam apenas 9,1% dos entrevistados. Já no texto "Após dez anos, Rio volta a ter edição da campanha 'Natal sem Fome'", a solução do problema aparece mais uma vez associada ao assistencialismo promovido por ONGs, no caso, a Ação da Cidadania, que é classificada pela reportagem como "uma imensa rede de mobilização". A notícia se resume à divulgação da campanha da ONG, e não debate a problemática relacionada à volta de uma campanha de combate à fome depois de dez anos.

Por fim, em relação aos verbos utilizados nos textos, estes com frequência se limitam a apresentar as condições de vida das pessoas que passam fome – ou, utilizando as palavras de Adelmo Genro Filho, se limitam à singularidade dos fatos, e, nos termos de Bonfim (2004), se resumem a apresentar o estado das coisas, sem apontar mudanças ou ações. Um exemplo está na notícia "'Mãe, tem leite?'" no trecho: "No dia em que a reportagem esteve em sua casa, o almoço era arroz, doado pela mãe, e sardinha frita, presente de um amigo". Na notícia "'Passar fome no Brasil é uma grande mentira', diz Bolsonaro", observamos que os verbos relacionados à ação do poder público perante a fome exprimem um afastamento da questão, com os termos "facilitar" e também não

“atrapalhar”. Já nas falas de especialistas na matéria “Fome volta a crescer no Brasil”, os verbos utilizados em relação à fome indicam processos: Berdegué rejeita que é possível simplesmente “erradicar”, mas fala em “manter, consolidar e incrementar” investimentos.

Na matéria “Mãe, tem leite?”, há um trecho que aponta que, com o corte do Bolsa Família, Renata e a família "passaram a conviver com a fome" – destacamos aqui a utilização do verbo "conviver", o qual demonstra uma relação quase pacífica com a fome. Em outra passagem do texto, a reportagem afirma que, para o entrevistado Francisco Carlos Leite, "Passar fome ainda não parece ser o maior problema" – isso porque ele teve a casa invadida por traficantes, não tem onde morar e levaram até o cachorro. Assim, o texto minimiza o problema da fome, considerado somente como mais um da lista enfrentada pelo entrevistado.

### **Considerações finais**

Genro Filho (1987) propõe uma nova inversão da pirâmide já invertida do jornalismo, de tal forma que um fato jornalístico seja “apreendido pelo ângulo da sua singularidade, mas abrindo um determinado leque de relações que formam o seu contexto particular” e também a sua universalidade (GENRO FILHO, 1987, p. 217). Somente assim, com essa contextualização do particular, partindo do singular, a notícia, de acordo com o autor, poderia se efetivar como uma forma de conhecimento, uma apreensão crítica da realidade. O foco sobre a singularidade do fato, tal como ocorre no caso da tradicional pirâmide invertida, pode se constituir simplesmente em sensacionalismo, que “é, inevitavelmente, conservador e até profundamente reacionário” (GENRO FILHO, 1987, p. 217).

O que este trabalho verificou nas reportagens analisadas foi, no entanto, uma simples descrição das situações enfrentadas por quem passa fome – citando o que tinham para comer, sobre as condições da casa que moravam e de sua saúde, por exemplo –, sem que fosse feita a conexão dessas circunstâncias imediatas com um contexto mais amplo de todos esses problemas, com a abordagem das condições históricas desses fenômenos.

---

Assim, constata-se um silêncio no jornalismo em relação à fome: geralmente não são abordadas as causas ou as perspectivas para a solução efetiva do problema, faltando às vezes até mesmo a quantificação das pessoas em situação de fome – sobre a solução da questão, são apresentadas geralmente apenas medidas episódicas. Além disso, grande parte das matérias se concentra em tematizar ações de ONGs, deixando de lado o Estado, especialistas e até mesmo pessoas que passam fome – de tal forma que, no discurso jornalístico analisado, a polifonia nem sempre se manifesta, havendo, predominantemente, a apresentação de vozes que trazem uma perspectiva assistencialista para o problema da fome. Trata-se de uma situação que vai ao encontro das condições de produção de O Globo – o qual se assume como um defensor “intransigente” do valor da “livre iniciativa”.

## Referências

BENETTI, Marcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 14, 1-11 janeiro/junho 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4251/4475>. Acesso em: 11 ago. 2020.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do acontecimento. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BONFIM, João Bosco Bezerra. **As políticas públicas sobre a fome no Brasil**. Brasília: Consultoria Legislativa do Senado Federal, 2004. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/100>. Acesso em: 5 maio 2020.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (orgs.) **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular/Capes, 2010.

O GLOBO. **Princípios editoriais**, 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/principios-editoriais/>. Acesso em: 18 maio 2020.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Classificação das fontes de notícias**. Florianópolis: UFSC, 2011.